

O PANENTEÍSMO NO HINO CRISTOLÓGICO

Rm 11,33-36

Darlyson Feitosa*

Introdução

Ó profundidade da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus julgamentos e impenetráveis os seus caminhos! Quem, com efeito, conheceu o pensamento do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro? Ou, ainda, quem lhe deu primeiro, para dever ser pago em troca? Pois tudo é dele, e por ele, e para ele. A ele a glória eternamente! Amém (Rm 11,33-36)¹.

Os capítulos 9–11 de Romanos, que tratam do passado, presente e futuro de Israel na perspectiva paulina, encerram-se de maneira enigmática, não com um hino cristológico, mas com uma doxologia teológica (Rm 11,33-36). O rigor das designações ‘hino’ e ‘doxologia’ são secundários. O que aqui importa é que, aceitando-se a redação na forma que a temos, a complexidade do pensamento paulino sobre Israel é concluída com uma constatação de restrição ou incapacidade do autor em prosseguir na temática sobre a relação de Deus com Israel. Então ele apela ao *Theós* de forma metafórica. A comum interjeição inicial, ‘ô’, introduz o vocativo nominal (ou nominativo de exclamação *báthos*), seguida imediatamente da declaração restritiva a que nos referimos, através de dois adjetivos sinônimos raros: *anexeraúneta*² (insondáveis) e *anexikhniástoi*³ (impenetráveis). Trata-se, então, de dois mistérios, duas situações não totalmente compreensíveis: o mistério da relação de Deus com Israel (eleição, rejeição e salvação de Israel) e o mistério do próprio Deus (quem é Deus).

Algumas aproximações textuais e de ideias são vistas nessa doxologia: (1) Em relação à tradição veterotestamentária. O salmista exclama sobre Deus: “Misterioso conhecimento que me ultrapassa, tão elevado que não consigo atingi-lo. Ó Deus! Como são difíceis para mim os teus projetos, como é grande a soma deles!” (Sl 139,6.17). O sábio declara: “Teus julgamentos são grandes e difíceis de compreender” (Sb 17,1a). O profeta inquire: “Quem avaliou o espírito do Senhor e lhe indicou o homem do seu desígnio?” (Is 40,13); “Quem participa do conselho do Senhor?” (Jr 23,18a). O amigo de Jó pondera: “Tomavas assento no conselho de Deus, para te apropriares da sabedoria?” (Jó 15,8). (2) Em relação à tradição neotestamentária. Paulo de-

* Doutorando em Ciências da Religião (PUC-GO).

1. Todas as referências bíblicas por extenso são da TEB – Bíblia Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994.

2. Somente em Rm 11,33.

3. Somente em Jó 5,9; 9,10; 34,24; Ode 12,6; Rm 11,33 e Ef 3,8.

clarou aos coríntios: “o que há em Deus, ninguém o conhece, a não ser o Espírito de Deus” (1Cor 2,11b). E ainda: “para nós, só há um Deus, o Pai, de quem tudo procede, e para o qual nós vamos, e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual tudo existe e pelo qual nós existimos” (1Cor 8,6). Aos colossenses: “Tudo foi criado por Ele e para Ele, e ele, existe antes de tudo; tudo nele se mantém” (Cl 1,16b.17).

Ainda nos prolegômenos, a composição do hino se dá através de alguns vocábulos de ocorrência restrita no Novo Testamento:

<i>báthos</i>	profundidade	Mt 13,5; Mc 4,5; Lc 5,4; Rm 8,39; 11,33; Ef 3,18
<i>anexeraúneta</i>	insondáveis	Rm 11,33
<i>anexikhniástoi</i>	impenetráveis	Rm 11,33; Ef 3,8
<i>sýmboulos</i>	conselheiro	Rm 11,34
<i>proédoken</i>	deu primeiro	Mc 14,10 ⁴ ; Rm 11,35
<i>antapodothesetai</i>	venha a ser restituído	Lc 14,14; Rm 11,35; 12,19; 1Ts 3,9

Desta forma, o hino teológico é composto mediante uma alta teologia, com profundas implicações para a compreensão do *Theós* neotestamentário. As ideias são paradoxais, pois sugerem pelo menos dois aspectos em Deus: um transcendente e outro imanente; um necessário e outro contingente; um estático e outro dinâmico; um não relacionado e outro relacionado. Pelo menos três grandes áreas podem assim ser analisadas:

1. Os juízos e caminhos de Deus

“Quão insondáveis são os teus julgamentos e impenetráveis os seus caminhos” (Rm 11,33)!

Em Rm 2,2 o apóstolo fala sobre o juízo de Deus contra os que praticam determinadas ações. Agora Paulo qualifica os juízos e caminhos de Deus como “insondáveis” e “impenetráveis” respectivamente (Rm 11,33). Isso sugere o não acesso a tais áreas da natureza de Deus e, conseqüentemente, sugerem impedimentos no entendimento e relacionamento humano com Deus. Contudo, não é exatamente esse o procedimento do apóstolo em Romanos. Antes, porém, de verificarmos em Romanos que a postura do apóstolo foi oposta às suas declarações retóricas, essa mesma postura pode ser vista em outros escritos da tradição paulina. Destacamos aqui uma particular expressão: *epígnosis* “pleno conhecimento”, “conhecer verdadeiramente”:

- “Que o Deus de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai a quem pertence a glória, vos dê um espírito de sabedoria, que vo-lo revele e faça conhecer verdadeira-

4. Uncial D (séc. VI).

mente” (Ef 1,17). Não se trata de mero desejo, mas de convicção que tal conhecimento sobre Deus é possível.

- “até que cheguemos todos juntos à unidade na fé e no conhecimento do Filho de Deus...” (Ef 4,13). O substantivo é o mesmo, *epígnosis*. A preposição intensifica o sentido.
- “Pedimos a Deus que tenhais pleno conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e penetração espiritual” (Cl 1,9). Há uma espécie de hipérbole, com dois vocábulos intensivos. A TEB não capta bem o sentido do verbo. *plerothete* é “transbordeis” e não apenas “tenhais”. Por outro lado, a TEB vai no cerne do entendimento: “penetração”. A antítese com Rm 11,33 se evidencia.
- “Por todo o bem que fizerdes, produzireis fruto e progredireis no verdadeiro conhecimento de Deus” (Cl 1,10). O genitivo “de Deus”, à semelhança dos exemplos anteriores, é objetivo: conhecimento a respeito de Deus.
- “que... eles tenham acesso, em toda a sua riqueza, à plenitude do entendimento, ao conhecimento do mistério de Deus: Cristo” (Cl 2,2). Qualquer que seja o entendimento do texto, “plenitude” estabelece uma relação de intensidade.

Assim, tendo em mente o conjunto dos capítulos 9–11 de Romanos, Paulo analisa o passado de Israel no capítulo 9 com afirmações interpretativas do procedimento de Deus, postas de maneira categórica. Ou seja, os insondáveis juízos de Deus e os seus impenetráveis caminhos são, pelo apóstolo, sondados e penetrados. Algumas de suas declarações:

- Rm 9,14 “Que diremos, pois? Haveria injustiça, em Deus? Não, decerto!”
- Rm 9,16 “Isso não depende, pois, nem da vontade nem dos esforços do homem, mas da misericórdia de Deus”.
- Rm 9,18 “Assim, pois, ele faz misericórdia a quem quer, e endurece a quem quer”.

Paulo argumenta interpretativamente sobre os procedimentos divinos citando Isaías (Rm 9,20.27-29.33) e Oseias (Rm 9,25.26). A linguagem não é vacilante, mas direta e conclusiva. Em sua conclusão geral da secção ele faz a pergunta retórica e ele mesmo a responde: “Pergunto, pois: teria Deus rejeitado o seu povo? De modo nenhum! [...] Deus não rejeitou o seu povo, que ele conheceu de antemão” (Rm 11,1.2). Pondera: “Pois se Deus não poupou os ramos naturais, tampouco a ti poupará” (Rm 11,21). Entende que: “Deus tem o poder de os enxertar” (Rm 11,23). Aplica a Israel: “Os dons e o chamamento de Deus são irrevogáveis”. E conclui: “Pois Deus incluiu a todos os homens na desobediência para conceder a todos misericórdia” (Rm 11,32).

O hino teológico seria, então, mera maneira poética do apóstolo se expressar a respeito de Deus. De fato, ele esteve sondando e tentando penetrar no entendimento

divino. Não há aqui qualquer defesa sobre Paulo ter conseguido penetrar inteiramente nos juízos e caminhos divinos. Isso não é possível sequer no âmbito humano – nossa compreensão sobre alguém nunca será inteira. O que se constata é que, ainda que os juízos e caminhos de Deus sejam além da compreensão humana, não nos é vetada a tentativa de compreendê-los! O Deus transcendente, qualificado na linguagem poética como “profundidade da riqueza, da sabedoria e da ciência”, é concebido numa dimensão imanente. Isso sugere aquilo que Hartshorne⁵ chama de dipolar: Deus sendo concebido com duas perspectivas – uma transcendente e outra imanente, uma necessária e outra contingente. Em vários aspectos e situações Deus se manifesta com roupagem profunda, sábia e cheia de conhecimento, provocando o sentimento numinoso, o temor. Em tantos outros aspectos e situações fazemos afirmações a respeito dele, especialmente da presença dele no cotidiano humano.

A respeito dos *hodoì autoù* “seus caminhos” – caminhos de Deus – serem impenetráveis, também o que se lê é mais retórica poética do que propriamente a teologia do apóstolo. *Hodós* não é um vocábulo comum em Paulo. Além de Rm 11,33 somente em Rm 3,16.17 o apóstolo se refere ao caminho, mas o dos pecadores, que desconhecem o caminho da paz. Aos coríntios ele se refere a sua vida dedicada a Cristo utilizando a metáfora “caminho” (1Cor 4,17) e para a obtenção adequada dos dons ele aponta um caminho exemplar (1Cor 12,31). O uso de “caminho” em 1Ts 3,11 não oferece maiores interpretações teológicas. Estão nos Atos dos Apóstolos as declarações mais teológicas, que contrastam com o uso poético de “caminho” em Rm 11,33.

Em Pafos, diante de Elimas, Paulo designa os caminhos do Senhor como sendo retos (At 13,10). Não diretamente relacionado a Paulo, mas dentro do círculo paulino, Lucas registra que Apolo era instruído no caminho do Senhor, passível, porém, de melhor entendimento a partir do ensino de Áquila e Priscila sobre o caminho de Deus (At 18,25.26). Não por acaso os cristãos serão então chamados como sendo os do Caminho (At 9,2; 19,9.23; 22,4; 24,14.22). Se levarmos em consideração outras declarações neotestamentárias, a declaração sobre a impenetrabilidade dos caminhos do Senhor em Rm 11,33 não se sustenta de forma teológica, senão de forma poética. Os textos apontam para um caminho que deve ser aprendido, penetrado e trilhado (cf. Jo 14,4-6; Hb 3,9; 9,8; 10,20; 2Pd 2,2.15.21; Ap 15,3).

2. As perguntas retóricas

Quem, com efeito, conheceu o pensamento do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro? Ou, ainda, quem lhe deu primeiro, para dever ser pago em troca (Rm 11,34.35)?

Tradicionalmente se tem respondido negativamente às três perguntas retóricas em Rm 11,34.35: ninguém! Todavia, algumas perspectivas diferentes podem ser consideradas.

5. VINEY, Donald Wayne. Hartshorne's Dipolar Theism and Mystery of God. *Philosophia*, v. 35, 2007, p. 342.

Primeiro, a respeito do conhecer a mente do Senhor (*noûs kyríou*), possíveis associações podem ser feitas com as declarações de Paulo aos coríntios⁶: “Quem dentre os homens conhece o que há no homem, senão o espírito do homem que está nele? Igualmente, o que há em Deus, ninguém o conhece, a não ser o Espírito de Deus” (1Cor 2,11). Se a declaração fosse interrompida aqui, essa segunda parte sobre o que há em Deus poderia sugerir uma inacessibilidade do homem em relação a Deus. Mas Paulo introduz um argumento singular: “Quanto a nós” (1Cor 2,12), estabelecendo uma distinção com a forma genérica há pouco utilizada (os homens). O cristão é diferenciado dos demais seres humanos por não ter recebido o espírito do mundo (*tò pneûma toû kósmou*), mas sim o Espírito que vem de Deus (*tò pneûma tò ek toû theoû*). Com isso ele deseja ratificar que o cristão possui condições de entender a mente de Deus, pois a sua fala não é segundo a sabedoria humana, mas na sabedoria espiritual, “exprimindo o que é espiritual em termos espirituais” – 1Cor 2,13 (*pneumatikoîs pneumatikà sunkrínontes*). Com isso temos o argumento que, ao falar sobre a natureza e atributos divinos, Paulo fala, numa proporção impossível de se determinar, mas certamente necessária de se considerar, através do Espírito que vem de Deus e que nele se encontra. Uma fala dessa natureza guarda, naturalmente com restrições, declarações verdadeiras e adequadas sobre Deus, de modo que a pergunta retórica em Rm 11,34 pode não ser respondida de forma absoluta com o “ninguém”. Ou seja, há uma espécie de capacitação espiritual no cristão, dada pelo Espírito de Deus, no que se refere à linguagem adequada para se falar sobre Deus.

Segundo, a pergunta “ou quem foi seu conselheiro?” também guarda estreito paralelo com as declarações aos coríntios, que por sua vez é uma evocação do profeta Isaías (Is 40,13). Interessa-nos a sua declaração final aos coríntios: “Pois quem conheceu o pensamento do Senhor [*noûn kyríou*] para o instruir? Ora, nós temos o pensamento de Cristo [*noûn Christou*]” (1Cor 2,16). Se a possibilidade da existência de vinculação teológica entre “o pensamento do Senhor” e “o pensamento de Cristo” for rejeitada, há, entretanto, uma possibilidade de vinculação textual. Nesse sentido, a resposta às perguntas retóricas em Rm 11,34 pode ser vislumbrada na declaração final de 1Cor 2,16: os que têm o pensamento [a mente] de Cristo podem ter um tipo de conhecimento do pensamento [da mente] de Deus.

Terceiro, Paulo argumenta em cima da primazia temporal: Deus é antes de todas as coisas, não existindo qualquer ser que tenha tomado a iniciativa, de modo a provocar em Deus uma resposta (Rm 11,35). A evocação é de Jó 41,3 no segundo desafio que o Senhor fez a ele. Talvez seja a única pergunta retórica dentre as três nessa seção que admita uma resposta absoluta: ninguém. As duas primeiras falam de um relacionamento intelectual (*noûs* e *sýmboulos*) com Deus, ao passo que essa última fala de um relacionamento temporal (*proédōken*).

6. Toda a argumentação aqui baseada em 1Cor leva em consideração que essa epístola foi escrita antes da Epístola aos Romanos (cf. KÜMMEL, 1997, p. 359-360). Como implicação, o hino teológico em análise não reivindica ser inédito.

3. A tríplice justificativa: adaptações teológicas

Pois tudo é dele, e por ele, e para ele (Rm 11,36).

A conclusão do hino (Rm 11,36) é introduzida pela conjunção explicativa *hóti*. A partir dela três preposições são usadas em relação a Deus: *ek*, *diá* e *eis*. Conquanto possamos afirmar que se trata de uma explicação ou justificação (“pois”, “porque”), ela se mostra dúbia ou misteriosa: o que está sendo explicado? Uma possibilidade é Paulo estar explicando que todas as coisas estão sob o domínio de Deus e que, portanto, não é possível ao ser humano conhecer plenamente Deus. No caso de Romanos, seria como se o apóstolo estivesse abrindo mão de toda a argumentação sobre a postura de Deus em relação a Israel conforme explicada nos capítulos 9–11. Mas outra possibilidade é Paulo estar envidando esforços para estabelecer uma relação real entre o ser humano e Deus: todo o esforço humano na compreensão dos atos de Deus é, em última instância, uma realidade onde Deus é a fonte (*ek*), o meio (*diá*) e o fim (*eis*). Dito de outra forma: todo o esforço humano está diretamente associado à natureza de Deus.

Schweitzer⁷ (1931/2003, p. 29) usa a expressão “processo histórico sobrenatural”⁸ para qualificar a tríplice declaração, e diferenciá-la do panteísmo. Norden, citado por Schweitzer, compara a declaração paulina com a saudação à natureza feita por Marco Aurélio: “De ti é tudo, em ti está tudo, para ti é tudo”. O uso de *en* na declaração de Marco Aurélio (“em ti”) e *diá* na declaração paulina (“por ele”) estabelece a perspectiva estática e dinâmica, respectivamente, da concepção de Deus. Todavia, maior aproximação ocorre conforme o seguinte registro egípcio-grego: *hèn tò pân kai di autoû tò pân kai eis autò tò pân* (“todas as coisas são um e através dele são todas as coisas e para ele são todas as coisas”)⁹. A comparação com Rm 11,36 estabelece as seguintes relações:

Rm 11,36	ex	autoû	Kai	di	autoû	kai	eis	autón	ta	pánta
tudo é dele, e por ele, e para ele										
Berthelot	hèn	tò pân	Kai	di	autoû	tò pân kai	eis	autò	tò	pân
todas as coisas são um e através dele são todas as coisas e para ele são todas as coisas										

Se considerarmos que é possível admitir uma semelhança de sentido entre “tudo é dele” e “todas as coisas são um”, então o hino teológico paulino guarda estreita relação com o pensamento egípcio-helênico. Todavia, sem assumirmos aqui a dependên-

7. SCHWEITZER, Albert. *O misticismo de Paulo, o apóstolo*, 2003, p. 29.

8. A linguagem utilizada por Schweitzer é praticamente ímpar, pois ele usa dois vocábulos não comumente associados: “processo” e “sobrenatural”. Esses vocábulos são geralmente usados em antíteses. O Deus estático é naturalmente associado ao sobrenaturalismo [teísmo clássico ou ortodoxia]. O Deus dinâmico é naturalmente associado ao “processo” [neo-ortodoxia].

9. BERTHELOT, apud SCHWEITZER, 1931/2003, p. 30.

cia ou influência do helenismo em Paulo, parece-nos que o hino simplesmente assume uma concepção divina sem necessariamente excluir a realidade das ações humanas.

Já afirmamos que, à luz de 1Cor 2, não há razão para se pensar num inédito hino em Rm 11,33-36. O quadro acima dá base ao argumento: a semelhança de ideias somente reforça que Paulo adaptou o seu hino teológico. Adaptação não implica em diminuição. Simplesmente um conjunto de ideias é aplicado num contexto específico. Visto que as declarações de Marco Aurélio e as egípcio-gregas acima comparadas podem sugerir uma concepção panteísta da divindade, a declaração de Paulo em Rm 11,36 pode sugerir, ao contrário, uma concepção panenteísta de Deus: não se trata de tudo ser divino (panteísmo), mas de tudo estar caminhando em direção ao divino (panenteísmo), inclusive os seres humanos. A teologia joanina parece sustentar isso: num determinado momento histórico, os seguidores de Cristo obterão uma unidade semelhante à unidade existente entre o Pai e o Filho; e, conseqüente a isso, haverá uma unidade entre os homens e o Pai e o Filho. A declaração é essa: “que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti; que também eles estejam em nós...” (Jo 17,21).

Podemos pensar em Rm 11,36 como uma descrição da soberania divina. O fato de o arranjo textual indicar Deus como sendo a fonte, o meio e o fim de todas as coisas não deve implicar *a priori* numa exclusão da participação ativa do ser humano no processo. Quando Paulo acrescenta a declaração *autoi he dóxa eis toùs aiónas, amén* (“A ele a glória eternamente! Amém) no final do v. 36, admite-se um Deus que recebe tal glória a ele dedicada pelo ser humano. Em algum sentido, então, trata-se de um Deus contingente.

Conclusão

O hino teológico de Rm 11,33-26 possui evidentes méritos teológicos e devocionais. Do lado teológico, o Deus impenetrável ou inacessível acaba sendo concebido como aquele que receberá glória dos homens. Isso só é possível dentro da perspectiva dipolar da divindade. Do lado devocional, é fato que o poeta compôs um rebuscado poema. Utilizou-se de um vocabulário não tão comum para reorganizar ideias já anteriormente compartilhadas em sua jornada de fé. Ainda que tenha repetido várias ideias, e ainda que as suas declarações sobre a divindade não guardem estreita harmonia teológica com o seu próprio pensamento em outras seções e escritos, Rm 11,33-36 poderia servir de exemplo na hinologia moderna: o autor está refletindo com profundidade e reverência a respeito daquele a quem chama de Deus, a respeito daquele a quem deseja glorificar pelos séculos dos séculos.

Referências bibliográficas

ALAND, Bárbara et al. (Eds.). *The Greek New Testament*. 4. ed. 6. impr. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft e United Bible Societies, 2002.

_____. (orgs.) *Novum Testamentum Graece*, 27. Ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.

Bíblia Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994.

KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. 2. ed. Tradução de Isabel Fontes Leal Ferreira e João Paixão Neto. São Paulo: Paulus, 1997.

SCHWEITZER, Albert. *O misticismo de Paulo, o apóstolo*. Tradução de Paulo e Judith Arantes. São Paulo: Novo Século, 2003.

VINEY, Donald Wayne. Hartshorne's Dipolar Theism and the Mystery of God. *Philosophia*, Pittsburg, v. 35, n. 3-4, p. 341-350, dez./2007.

WALLACE, Daniel B. *Gramática Grega: uma sintaxe exegética do Novo Testamento*. Tradução de Roque Nascimento Albuquerque. São Paulo: Editora Batista Regular do Brasil, 2009.

Darlyson Feitosa
darlyson@uol.com.br